

BC acredita que taxas vão cair

O aumento das taxas de juros neste final de mês para se adequar a um novo patamar de inflação — que pulou de 25% no mês passado para 28% neste — causou constrangimentos ao governo Itamar Franco, que tem como uma de suas principais metas a redução das taxas. No entanto, apesar da forte alta na semana, o presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, está confiante de que há espaço para redução dos juros e reafirma que a intenção do governo não é repetir a experiência da administração passada de conter a inflação usando como único instrumento a política monetária.

Loyola aponta razões para suas expectativas em relação à queda gradual dos juros. A principal delas é o fato de dois fatores que pressionaram as taxas no ano passado — a liberação dos cruzados novos e a acumulação de reservas cambiais — não estarem mais presentes neste ano. Além disso, Loyola lembra que o governo conta agora com reforço importante na área fiscal, como a aprovação do Imposto de Renda de Pessoa Jurídica (IRPJ) em dezembro, o acerto das contas com estados e municípios e também a aprovação do IPMF. “Várias medidas foram adotadas para evi-

tar que a política monetária fique sozinha no combate à inflação”, explica.

Assegura, porém, que sempre que for necessário o Banco Central fará intervenções para evitar movimentos especulativos. “É prerrogativa do Banco Central intervir no mercado. O Banco Central tem liberdade para praticar as taxas de juros que considerar necessárias para conter movimentos especulativos”, afirma Loyola. Ele não considera que as taxas que vêm sendo praticadas pela instituição sejam incompatíveis com as metas de crescimento da economia fixadas pelo governo. O crescimento estimado pelo governo é algo em torno de 2% a 3% do PIB neste ano, que não será inibido pela política monetária. “As taxas de juros são compatíveis com o crescimento estimado pelo governo, que não será nada excepcional e será setorizado. Nós temos consciência de que não se pode jogar a economia no aquecimento. O Brasil é ainda um doente febril, que saiu da UTI e não pode entrar em uma academia de ginástica”, compara.

Os juros voltaram a despertar nesta semana a atenção do presidente Itamar Franco, que criticou a sua elevação. No entanto, as taxas subiram basicamente em função do

crescimento da inflação. Tanto que, no início de janeiro, o mercado projetava que a taxa praticada pelo Banco Central ficaria em 26,88%. No dia 11 essa projeção já havia se alterado para 27,03%. Com a confirmação de inflação acima do esperado, no dia 25 as taxas já tinham saltado para 28,22% e encerram o mês em 28,51%, após os ajustes nas taxas do overnight praticadas nos últimos dias pelo BC.

Apesar dessa alta, o diretor do Banco Marka, Francisco Moura, especialista em índices de inflação, está convencido de que os juros cairão em fevereiro, não apenas pela redução nas taxas de inflação mas também pelo mês de março ter mais dias úteis. A inflação deve ceder, de acordo com suas previsões, para 26% ou 25%, e as primeiras prévias, segundo ele, já apontam nessa direção pois a demanda deve cair e as pressões de janeiro como aumento de mensalidades de clubes, condomínios e salários de empregados não se repetirão. Moura considerou correta a postura do Banco Central em relação aos juros. “O momento ainda não é apropriado para se reduzir abruptamente os juros. O mercado viveu um período de nervosismo que precisou do controle do Banco Central”, avalia.